

**História e oralidade nos  
estudos comunicacionais**

History and speaking skills in  
communication studies

Historia y expresión oral en los  
estudios de comunicación

**Juniele Rabêlo Almeida<sup>1,2</sup>**

**RESUMO**

Concepções, métodos e formas do conhecimento histórico são expressos em diversos estudos na área de comunicação social. Buscamos analisar, na interface história e narrativa oral, aspectos da chamada mediação cultural, na qual a comunicação está para além da condição de canal. Acreditamos que os estudos comunicacionais não recaem, necessariamente, sobre especificidades técnicas, mas sobre a posição que a comunicação assume no campo histórico-cultural. Interações, expressas nos trabalhos de história oral, se configuram (e resultam) em processos comunicacionais que indicam construções sócio históricas e diferentes referenciais de pertencimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos comunicacionais, História, Narrativas Oraís.

---

<sup>1</sup> Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), com atuação nos cursos de graduação e pós-graduação. É doutora em História Social (USP) e mestre em História (UFMG). Realizou pós-doutorado na UFMG (atuando no Núcleo de História Oral, 2011). Pesquisadora efetiva do "Laboratório de História Oral e Imagem" (LABHOI/UFF) e colaboradora nos seguintes núcleos: NEHO/USP, NUPEHC/UFF e NHO/UFMG. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: história oral; história pública; história e mídia/imprensa; história do tempo presente, repertório da ação coletiva/segurança pública; história ambiental. Co-coordena as atividades do Programa de Iniciação à Docência em História (PIBID-Capes/UFF, História/Niterói). Integra a Comissão Administrativa da Rede Brasileira de História Pública (2012-2016). É diretora regional (sudeste) da Associação Brasileira de História Oral - ABHO (2014-2016). E-mail: [diversitas@usp.br](mailto:diversitas@usp.br).

<sup>2</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF). Departamento de História. Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, Campus do Gragoatá, Bloco O, São Domingos, Niterói – RJ, CEP: 24210-201, Brasil.

### **ABSTRACT**

Conceptions, methods and historical knowledge forms are expressed in several studies in the area of social communication. We analyze, history and oral narrative interface, called aspects of cultural mediation, in which the communication is in addition to the channel condition. We believe that communication studies do not fall necessarily on technicalities, but on the position that the communication is in the historical-cultural field. Interactions, expressed in the works of oral history, are configured (and result) in communication processes that indicate historical social constructions and different frames of belonging.

**KEYWORDS:** Communication Studies, History, Oral Narratives.

### **RESUMEN**

Conceptos, métodos y formas de conocimiento histórico se expresan en varios estudios en el área de la comunicación social. Analizamos, la historia y la interfaz de la narrativa oral, llamados aspectos de mediación cultural, en el que la comunicación es, además de la condición de canal. Creemos que los estudios de comunicación no caen necesariamente en técnicos, sino a la posición de que la comunicación es en el campo histórico-cultural. Interacciones, expresados en las obras de la historia oral, están configurados (y resultado) en los procesos de comunicación que indican construcciones sociales históricos y diferentes marcos de pertenencia.

**PALABRAS CLAVE:** Estudios de Comunicación, Historia, Historia Oral.

Recebido em: 15.02.2016. Aceito em: 23.03.2016. Publicado em: 30.05.2016.

## Introdução

Os estudos comunicacionais dialogam com os saberes históricos e, em especial, com os métodos da história oral. Entende-se a comunicação como uma questão cultural: “A comunicação é questão de produção e não só de reprodução” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 150). Dessa forma, a comunicação ocorre em três dimensões: “socialidade entendida como trama de interações que formam sujeitos e atores nas negociações cotidianas com o poder e as instituições; ritualidade entendida como a repetição das práticas que regula o jogo das significações e que torna possível a expressão de sentido; e a tecnicidade que compreende a técnica não como instrumento, mas como organizador perceptivo pelo qual a técnica e o discurso se articulam” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p. 12).

A observação dos processos históricos, relativos às experiências dos indivíduos e coletividades no tempo, torna possível inscrever análises sobre valores, tradições, práticas e representações partilhadas por grupos que expressam identificações coletivas<sup>3</sup>.

Nossas reflexões sobre o sujeito histórico, nos caminhos metodológicos da história oral<sup>4</sup>, possibilitam a investigação das práticas comunicacionais e das construções sociais que inferem condições de produção e interpretação das culturas. A partir da negociação dos sentidos, relativas às posições assumidas, analisamos as formas como os sujeitos significam a sua história. Consideramos que as memórias coletivas<sup>5</sup> configuram-se como fonte e objeto para as pesquisas sobre comunicação, para além da pesquisa historiográfica.

Os estudos comunicacionais, para Martín-Barbero (1997), não recaem, necessariamente, sobre especificidades técnicas, mas sobre a posição que a comunicação assume no campo cultural. Articulações entre práticas de comunicação

<sup>3</sup> Sobre identificações coletivas: cf. HALL, 1999; BAUMAN

<sup>4</sup> Destacamos nos estudos sobre história oral: cf. ALBERTI, 2004; BOSI, 1987; FERREIRA, 1994; MEIHY, 1996; NEVES, 2006; PORTELLI, 2010; THOMPSON, 1992.

<sup>5</sup> Sobre memórias coletivas cf. HALBAWCS, 1950; LE GOFF, 1996; NORA, 1993; POLLAK, 1989.

e processos históricos são observadas na pluralidade de matrizes culturais. Dessa forma, podemos compreender o sujeito histórico que passará de decodificador a produtor de narrativas.

Diante das atuais transformações nos estudos comunicacionais, é possível mapear inúmeras pesquisas que se projetam para uma História Cultural da Comunicação – tais estudos apresentam análises do processo comunicacional, tendo em vista seus aspectos epistemológicos, sócio-históricos, políticos e discursivos<sup>6</sup>.

O saber histórico se apresenta como uma área imediata à Comunicação, ao evidenciar as construções sociais. Nesse caminho, os estudos históricos fornecem e recebem elementos para a pesquisa dos processos “mediáticos” – observados e apreendidos a partir das relações histórico-sociais, políticas e culturais que os envolvem.

O conceito de mediação proposto por Martin-Barbéro (1996) aponta os meios de comunicação para além da condição de canal, mídia, e entende que estes meios de comunicação são elementos reguladores das relações sociais e estão na própria base da constituição dessas relações. Assumem-se as discussões referentes aos suportes/canais como sendo da ordem do midiático e as questões referentes às interferências e mudanças socioculturais pela mediação das linguagens das mídias como sendo da ordem do mediático

São observadas as culturas locais, por fornecerem indícios de construções históricas que, mesmo espelhada em fenômenos de ordem global, representam aspectos das demandas regionais. Para além do aspecto heterogêneo dos debates sobre “micro-história”<sup>7</sup> importa perceber o princípio de variação das escalas de observação; os processos históricos serão analisados do micro/local ao macro/global.

---

<sup>6</sup> Para um mapeamento das tendências teórico-metodológicas nos estudos comunicacionais: cf. HOHLFELDT, MARTINO, & FRANÇA, 2001.

<sup>7</sup> Sobre os sentidos da micro-história: cf. GINZBURG, 1989, 1991; LEVI, 1992; REVEL, 1998.

As pesquisas em “Comunicação e Cultura” envolvem discussões teórico-metodológicas transdisciplinares que possibilitam pôr em relevo as narrativas da experiência humana. Para Ricoeur (1994) a narrativa, quando compreendida, contribui para reconfigurar o entendimento da ação humana; enxerta novos elementos temporais às configurações da ação. Historicizar o processo de construção das narrativas possibilita o fornecimento de subsídios processuais para o estudo comunicacional. Interações diárias que se configuram (e resultam) em processos comunicacionais perscrutam as articulações: memória/oralidade; tempo/narrativa.

### **A comunicação e a memória**

Michel Pollak (1989), partindo dos princípios inaugurados por Halbwachs (1950), destaca o conflito inerente às memórias coletivas. A construção da memória ocorre a partir das preocupações do presente, nesse sentido as lembranças, os silêncios e os esquecimentos podem revelar dissensos. Governos e organizações podem, ou não, “enquadrar memórias” para forjar pertencimentos no intuito de manter a coesão interna e defender os seus interesses.

As culturas locais indicam construções e ressignificações das memórias, por meio de elaborações que incorreram em diferentes referenciais de pertencimento. Os processos comunicacionais mobilizam a construção historiográfica ao deixar vestígios, marcas e emblemas – elementos da memória coletiva.

Os meios de comunicação se estabelecem como “espaço de sociabilização”, local de participação e suporte para registros da vida cotidiana (MAIA & CASTRO, 2006) e como “lugares de memória” (NORA, 1993). A comunicação amplia os “lugares de memória” e constitui-se, ela mesma, em um deles na contemporaneidade. Os novos arquivos (arquivos orais, arquivos audiovisuais) são fundamentais como espaços de memória frente aos dilemas globalizantes da sociedade contemporânea.

Os processos de mediatização, historicamente contextualizados, projetam culturas comunicacionais que expressam o jogo “lembrança/esquecimento”: a

historicidade é formada e reproduzida dentro de processos comunicativos e de interação diária. A comunicação potencializa a construção de narrativas historiográficas e a mediatização das relações sociais indica novas questões para o estudo da memória coletiva. Assim, assume-se a seguinte discussão: os suportes/canais como sendo da ordem do midiático e as questões referentes às interferências e mudanças socioculturais pela mediação das linguagens das mídias como sendo da ordem do mediático (MARTIN-BARBÉRO, 1997).

A memória é uma operação coletiva das interpretações do passado. Halbwachs (1990) considera que a memória coletiva envolve memórias individuais, mas não se limita a elas. A memória emerge em função de um grupo que a ela se devota, sendo múltipla e fragmentada. O nosso lugar temporal é desvelado a partir de construções e padrões coletivos de sociabilidade que engendram e resultam em memórias coletivas. Historicizamos a memória coletiva, na busca de conferir sentido temporal e problematizar sua perspectiva social.

Afinal, as memórias são atualizadas (no tempo presente), em um campo de disputa, para definir, reforçar ou transformar as identificações culturais dos grupos. As memórias definidas por um trabalho de "enquadramento/oficialização" compõem o tecido social, indicando variadas estruturas organizacionais, permeadas por esquecimentos e silêncios (elementos integrantes da memória coletiva).

As memórias revelam experiências sociais de pessoas e de grupos, gerando construções narrativas que indicam elementos da memória social. Como suporte das narrativas historiográficas, as memórias são projetadas na imaginação coletiva e materializadas na representação verbal (oralidade). A memória social potencializa a constituição de identidades coletivas ao gerar espaços de reconhecimento e diferenciação. Para Pollak (1992) a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. A memória coletiva, quando historicizada,

indica o lugar, o tempo e a percepção de coerência dos elementos que formam o sujeito histórico.

### **A história oral e os processos comunicacionais**

Destacamos aqui os procedimentos metodológicos da história oral. Ao desvelar as narrativas dos sujeitos históricos, a história oral permite desenvolver e fundamentar análises a partir da constituição de fontes que desempenham papel fundamental na relação entre memória, história e processos comunicacionais. A história oral busca, assim, registrar a memória viva construindo uma imagem abrangente e dinâmica do vivido a partir de um processo de pesquisa.

Desta forma, de acordo com Meihy (1996), a história oral se faz a partir de um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a tentativa de passagem da narrativa oral para a narrativa escrita, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

A narrativa oral, como afirmam Ferreira & Amado (1996), representa o diálogo entre entrevistado e entrevistador, que acaba por registrar as preocupações de no mínimo dois sujeitos diferentes. Em decorrência, a história oral mostra-se fruto do diálogo de diferentes identidades em um espaço de subjetividade. O pesquisador deve, assim, transformar a entrevista em um texto trabalhado, evidenciando o diálogo entrevistado/entrevistador.

Sugerimos que a pesquisa, no campo da oralidade, percorra as seguintes operações: agendamento; elaboração e realização das entrevistas a partir da rede estabelecida; transcrição e textualização (produção dos textos documentais); autorização dos narradores (gravadas no início das entrevistas ou indicada por meio da assinatura, pelo entrevistado, da Carta de Cessão); possível entrega dos textos

transcritos para o entrevistado; análise das narrativas – evidenciando o diálogo entrevistado/entrevistador; disponibilização das entrevistas e das publicações delas decorrentes por meio de critérios de abertura ao público.

As etapas de realização da história oral pretendem o respeito à narrativa autorizada pelo colaborador. O narrador relata suas experiências de vida em um diálogo com o pesquisador, que assume a análise da entrevista. A memória e a identidade, como objetos essenciais da história oral, podem prever a formulação de argumentos, por meio de textos estabelecidos em conjunto com os entrevistados, para possíveis políticas públicas. O sujeito histórico revela identidades construídas socialmente a partir do processo de reconhecimento e diferenciação.

### **A narrativa histórica**

O espaço temporal da construção do sujeito histórico é configurado como um espaço de permanências e rupturas. Observamos assim, a relação entre identidades coletivas e antagonismos contemporâneos. A historicidade por meio da relação tempo/narrativa foi problematizada, respeitando as diferentes tradições, por Paul Ricoeur (1994). Para o autor só há tempo pensado quando narrado, assim, a narrativa histórica reúne explicação e compreensão.

O caráter “quase ficcional” da história é controlado pela documentação, cronologia e leitura (RICOEUR, 1994). O mundo cultural é compartilhado e ressignificado pela narrativa histórica, que se traduz nas variações interpretativas do passado. A construção do conhecimento histórico como narrativa, não prevê a pretensão de reconstituição absoluta do passado.

Paul Veyne (1998) definiu o lugar da reflexão histórica como “modo de escrita”. Ao rejeitar a ambição globalizante da disciplina histórica, apresentou a potencialidade da aplicação do método genealógico de Foucault à história. Já Michel de Certeau (1982) argumenta que a História seria ao mesmo tempo uma disciplina,

uma prática e uma escrita, capaz de apontar a materialidade presente no trabalho humano.

### **Considerações finais**

Nesse debate é possível assumir o diálogo entre a narrativa e o mundo social real. Cabe ao pesquisador, preocupado com a historicidade, perceber o seu objeto de estudo na temporalidade – por meio dos princípios teóricos e metodológicos da ciência histórica. O discurso histórico pretende possuir um conteúdo, na forma de uma narrativa, para sua legitimidade acadêmica.

O texto é o lugar do discurso histórico, da delimitação de um recorte espacial e temporal. A pesquisa histórica se realiza no leitor, no espectador ou no ouvinte: “a compreensão narrativa articula uma atividade lógica de composição – o autor – com a atividade histórica da recepção – o público” (REIS, 2003, p.139).

A história encontra o seu lócus “público” para além da divulgação de um conhecimento organizado e sistematizado pela ciência, mas como organização e mediação das memórias locais. É possível refletir sobre comunidades de sentido ao estabelecer relações entre passado e presente. São frequentes as iniciativas que demarcam trabalhos com a memória coletiva empreendidos por áreas que dialogam com o saber histórico acadêmico.

Afirmamos a necessidade do estabelecimento de diálogos entre o saber histórico e o trabalho dos profissionais da comunicação que, por meio de reflexões no campo da oralidade, problematizam os seguintes temas: história da imprensa, da televisão, do rádio, da propaganda, da produção cultural e das relações públicas; entre outros.

Dessa forma, os profissionais da comunicação buscam, junto aos historiadores, atividades de difusão e construção do conhecimento histórico para amplas audiências; por meio dos centros de memória da comunicação, dos arquivos da imprensa, dos cineclubes, da televisão, do rádio, das editoras, dos jornais, das

revistas, das organizações governamentais e não governamentais, de consultorias, entre outros espaços e meios.

Na atribuição de significados para os múltiplos vestígios da história, o pesquisador deve levar em conta as práticas e representações sociais dos sujeitos históricos. Dessa forma, as reflexões teórico-metodológicas aqui expostas remetem à temática que se abre sobre as especificidades, as perspectivas e os desafios do trabalho histórico nos estudos comunicacionais.

### Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: A história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

- GINZBURG, Carlo. **A Micro História e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1991.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- FERREIRA, Marieta Moraes, AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- HALBAWCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALBAWCS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1950.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.
- HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação - conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História - novas perspectivas**. São Paulo: Unesp. 1992.
- MAIA, Rousiley & CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (Org.). **Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- MARTÍN-BARBERO. **De los medios a las practicas**. In: Cuadernos de comunicación y practicas sociales, n. 1, p. 9-18, 1990.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MATTELART, Armand & Michelle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo, Loyola, 1999.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- NEVES, Lucília de Almeida. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NORA, Pierre. **Entre história e memória.** A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REVEL, Jacques. **Micro análise e construção social.** In. Jogos de escalas. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: EdFGV, 1998.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação:** da fala à internet. São Paulo: Paulinas, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história;** Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed. UnB, 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Presença, 1995.